

## ARTIGO - DOSSIÊ

### **O CAMINHO DE SANTIAGO NO SÉCULO XII: ESPAÇO DE PROPAGAÇÃO DOS IDEAIS REFORMISTAS DA IGREJA**

### **THE CAMINO DE SANTIAGO IN THE TWELFTH CENTURY: PROPAGATION SPACE OF IDEALS CHURCH REFORMERS**

ADAILSON JOSÉ RUI\*

#### **RESUMO**

A partir do século X, houve no Ocidente o desenvolvimento de um processo, que embora não rigorosamente organizado, conduzia a reformas na vida da Igreja por meio de determinadas atitudes e pretensões. Dentre as atitudes, o combate a simonia e a defesa do celibato; dentre as pretensões encontravam-se a supremacia do rito religioso romano sobre os demais e a centralização do poder da Igreja nas mãos do Papa. Neste artigo, fazendo uso de fontes elaboradas no século XII, principalmente do *Liber Sancti Iacobi* e da *História Compostelana*, apresentamos o *Caminho de Santiago* como espaço de propagação de idéias, que visavam afirmar entre os peregrinos o poder exercido pelo Papa e a centralização da Igreja em Roma.

**PALAVRAS CHAVE:** Peregrinações, Caminho de Santiago, Reforma Gregoriana

## **ABSTRACT**

From the tenth century, there have been in the West to develop a process which although not strictly organized, led to reforms in the Church's life through certain attitudes and intentions. Among the attitudes, fighting simony and the defense of celibacy; among the claims met the supremacy of the roman religious rite on the other and the centralization of Church power in the hands of the Pope. In this article by making use of the *Liber Sancti Jacobi* and *Historia Compostelana*, works written in the twelfth century, we present the *Camino de Santiago* as space propagation of ideas, aimed to assert among the pilgrims the power exercised by the Pope and the centralization of the Church In Rome.

**KEYWORDS:** Pilgrimage, Route of Santiago, Gregorian reform.

## **Introdução**

A partir do século X foi desenvolvido no Ocidente um movimento de reforma na Igreja, cujos objetivos principais eram, por um lado, a luta contra a simonia e a investidura leiga e, por outro, a unificação do rito religioso e a centralização do poder. A Igreja, centrada em Roma, almejava que em todo o Ocidente cristão a autoridade do papa fosse reconhecida acima das demais, sendo a sua doutrina propagada e considerada como a única verdadeira em detrimento das demais existentes e praticadas até então.

Na Península Ibérica, esse movimento começou a fazer parte na vida do reino de Leão-Castela logo após a sua reunificação em torno a Alfonso VI (1047-1109, rei de Castela desde 1065). Conforme Julia Montenegro, notícias sobre a reforma litúrgica são encontradas na *Crónica del obispo Don Pelayo*, conselheiro de Alfonso VI e bispo de Oviedo

de 1101 a 1130. Segundo a mesma autora, na crônica referida é mencionado que após a reunificação dos reinos [Leão e Castela] Alfonso VI enviou embaixadores a Roma, com a missão de solicitar ao Papa Gregório VII (1073-1085), a implantação do rito romano em seus domínios.<sup>1</sup> A solicitação feita por Alfonso VI ao Papa, também é assunto presente na *Primera Crónica General de España*, elaborada sob a direção de Alfonso X, o sábio a partir de 1269. Nela, é mantida a versão apresentada por Rodrigo Jimenez de Rada (1170-1247) na crônica *De Rebus Hispaniae*, concluída em 1243. Segundo essa versão, tal pedido ocorreu em 1085, ano da conquista de Toledo. Conforme é relatado nela, realizada a conquista de Toledo, o rei, por influência de sua esposa, a rainha Constança (1043-1096, rainha de Leão Castela desde, 1073), que era de origem francesa, mandou emissários a Roma para solicitar ao Papa um legado, cuja missão era implantar o rito romano em lugar do moçárabe que, até então era praticado no reino de Leão-Castela. A solicitação foi atendida pelo Papa, que enviou o abade D. Ricardo de São Bitores de Marselha como seu legado. No entanto, conforme demonstram as narrativas conservadas referentes a esse período, a mudança do rito moçárabe para o romano somente ocorreu em virtude do forte posicionamento do rei, uma vez que parte dos bispos e dos populares não aceitavam tal substituição.<sup>2</sup>

Independente das contradições perceptíveis nas fontes citadas quanto ao momento em que se iniciou a aproximação entre Alfonso VI e o Papa, tendo por objetivo a implantação do rito romano em terras ibéricas, é significativo que as fontes citadas procuram deixar claro que a

iniciativa partiu do monarca e não da Igreja romana. Se, de uma parte, a reforma propagada a partir das relações estabelecidas entre a monarquia castelhana leonesa com o papado chegou a Península Ibérica, por outra, os princípios da reforma, dentre estes a ideia de centralização do poder almejada pelo papado e a unificação do rito religioso, eram também divulgados e propagados entre a população. Um dos mecanismos de tal propagação foi a difusão de tais ideias ao longo das rotas de peregrinações. Nesta direção, os caminhos por onde passavam os peregrinos que se destinavam a Santiago de Compostela tornavam-se espaços de propagação das ideias reformistas que estavam sendo implantadas, por meio das relações de interesse existentes entre a Igreja e as monarquias locais.

Com o objetivo de demonstrarmos como esse movimento foi vivenciado ao longo do *Caminho de Santiago*, neste estudo trataremos inicialmente do processo de formação do referido *Caminho* para, na sequência o apresentarmos como espaço de propaganda e difusão das ideias reformistas.

### **Caminho(s) de Santiago: Origem e desenvolvimento**

Nas narrativas que oferecem informações sobre a abertura do *Caminho de Santiago* são verificadas, principalmente, duas tendências: uma, preponderantemente, seguida pela historiografia franca presente no primeiro capítulo da *Crônica do Pseudo Turpin*, obra elaborada no século XI que narra a ida de Carlos Magno a Santiago de Compostela, na qual o autor apresenta o imperador como sendo o primeiro peregrino e aquele

que deu início a rota jacobea e, outra, ibérica, especificamente castelhana, registrada primeiramente na *Crônica Silense* (séc. XII) e conservada na *Crônica de Rebus Hispaniae*, de Rodrigo Jimenez de Rada, e mantida na *Primera Crónica General de España*, ambas elaboradas no século XIII. Nelas, ao apresentar as origens e os artífices do *Caminho*, é sustentado que foram os ibéricos os responsáveis por tal abertura, contestando assim, a versão franca.<sup>3</sup>

Aqui, não nos interessa a disputa pela paternidade do caminho e sim o fato de que por ele passaram, indo e voltando de Santiago de Compostela, peregrinos provenientes das mais diversas partes do Ocidente. Em virtude desse trânsito o *caminho* tornou-se uma rota de intercâmbios e também um espaço que funcionou como trajeto, possibilitando as pessoas encontrarem novas localidades para se fixarem, contribuindo assim com o processo de povoamento dos territórios próximos a ele.

Contudo, o motivador das peregrinações e conseqüente responsável pela construção do *Caminho* foi a divulgação no Ocidente da descoberta, no extremo noroeste da Galiza, do sepulcro contendo, segundo a tradição, o corpo inteiro de Santiago (São Tiago, em português), o primeiro dos apóstolos de Jesus Cristo a sofrer o martírio. Tal evidência ocorreu mediante uma *revelatio*, quando o bispo Teodomiro de Iria Flávia passou a ver luzes em um determinado local. Em virtude da permanência da presença das luzes, o bispo entendeu que elas eram um sinal por meio do qual indicava-se que aquele era um território especial. Verificando o lugar, descobriu que nele havia uma arca, cuja

descrição fazia com que acreditassem que lá estava o corpo do apóstolo Tiago que, segundo a tradição, foi o evangelizador da Hispânia. A partir desse encontro a notícia se espalhou e o culto ao apóstolo e evangelizador começou a ser difundido.<sup>4</sup> No local do encontro foi erguida uma igreja que logo, em virtude do seu prestígio, começou a receber doações régias cujos primeiros registros, conforme o *Tumbo A da Catedral de Santiago*, datam do ano de 834<sup>5</sup>. Os donativos expressam o reconhecimento do encontro do corpo de Santiago pela monarquia de Astúrias que se sentiu fortalecida pela presença em seu território de tão importante relíquia.

Testemunhos da divulgação do encontro na Cristandade são localizados no martirologio escrito em Paris entre 860-870 por Usuardo e também no martirologio escrito no final do século IX pelo monge Notker, de Sant-Gall. Ambos foram difusores da epístola escrita por volta do ano 850, em Oviedo, porém atribuída a Leão patriarca de Jerusalém<sup>6</sup>. Nessa epístola dirigida pelo patriarca aos reis francos, vândalos, godos e romanos (esse último representado pelo ostrogodo Teodorico) é relatado a transladação do corpo do apóstolo de Jerusalém à Galiza, descrevendo: a forma como Santiago foi preso e condenado à morte por Herodes; como os discípulos de Santiago retiraram o corpo na calada da noite e o colocaram em um barco, que conduzido por Deus, chegou até a Galiza; o encontro do local para sepultá-lo e o sepultamento.

Segundo Fernando Lopes Alsina, o período cronológico que os autores procuraram dar a carta foi do último quartel do século V a pouco

mais do primeiro quartel do século VI, 476-535, justifica-se pelos destinatários da epístola (“*Leo episcopus vobis regibus francorum, et vandalarum, gotorum et romanorum. Notescimus vobis de translacione beatissimi Jacobi...*”).<sup>7</sup> Nela, verifica-se o esforço e empenho dos homens da Igreja, que viveram no século IX, de criar uma narrativa, cuja função era dar legitimidade ao encontro da relíquia que havia sido localizada no extremo noroeste da Península Ibérica por volta de 810. Sendo a epístola apresentada como um documento feito muito antes do encontro do sepulcro tinha-se, por meio dela, uma maneira de legitimar o precioso achado, visto que, além dela confirmar que Santiago havia sido sepultado em terras da Galiza, dava pistas do local do sepulcro.

Os resultados dessas primeiras notícias sobre o encontro do corpo de Santiago ganharam a aceitação dos populares e da realeza, conforme pode ser verificado pelo desenvolvimento das peregrinações e pelas cartas de doações preservadas tanto no *Tumbo A* como no *B da Catedral de Santiago*, assim como nas Crônicas elaboradas no período que se estende do século IX ao XIII<sup>8</sup>. Segundo Klaus Herbbers, o registro do primeiro peregrino que foi a Santiago proveniente de terras do além Pirineus, data do ano 930. Os registros seguintes fazem referência ao bispo de Puy, Godescalco e ao bispo de Reims, Hugo de Vermandois.<sup>9</sup>

### **Caminho(s) de Santiago: As rotas e a propagação de ideias**

Dois eram os caminhos possíveis para chegar a Santiago de Compostela, um marítimo e outro terrestre. O marítimo ligava a costa da Aquitânia à Galiza, rota existente desde o domínio do Império Romano

na região. O terrestre, que mais nos interessa, seguia o traçado da antiga via romana setentrional que ligava o mar mediterrâneo à Galiza pelo curso do rio Ebro e depois seguia pelo norte da Meseta.

Segundo Adeline Rucquoi, na segunda metade do século XI a via terrestre se tornou o Caminho francês.<sup>10</sup> Caminho que foi o cenário também de diversos milagres, - conforme a perspectiva cristã, testemunhos da graça divina intermediada pelo apóstolo- e o local que propiciou o estabelecimento de contatos e intercâmbios entre pessoas provenientes das mais diversas partes do Ocidente. Tal rota constituiu-se em um importante espaço de intenso fluxo de ir e vir de peregrinos, comerciantes e aventureiros.

O intenso fluxo motivou a Igreja a nele atuar propagando entre os caminhantes as ideias presentes no movimento reformista que procurava colocar em prática. No entanto, o *caminho*, além de ser o espaço de expressão dos valores cristãos, era também um espaço propício para a atuação daqueles que tinham a vida conduzida pelos valores terrenos. Ambos os aspectos podem ser verificados no *Liber Sancti Iacobi*,<sup>11</sup> obra elaborada no século XII, cuja finalidade era ser um instrumento de divulgação e de propaganda por meio do qual visava-se contribuir tanto com o desenvolvimento das peregrinações a Santiago de Compostela, uma vez que expunha os feitos do santo, demonstrando a sua grandeza e poder de intervenção junto a Deus em favor dos seus fiéis, como com a propagação dos valores reformistas que a Igreja vinha colocando em prática, uma vez que nos sermões, assim como em diversos relatos contidos na obra, são frequentes a presença de



ensinamentos cuja finalidade era a) exaltar a virgindade ou a castidade dos religiosos; b) expor a prática da simonia e condená-la; c) valorizar o rito romano; d) expor a centralização do poder religioso, tendo o Papa como a liderança máxima da cristandade. Tendo como propósito destacarmos esse último aspecto, nos deteremos com mais atenção no *Livro dos Milagres*, cuja autoria é atribuída ao papa Calixto II.

Conforme consta no prólogo da obra, o *Livro dos Milagres* foi elaborado a partir de uma seleção de relatos de milagres feita pelo papa. Ele os havia conhecido em diversos lugares por onde havia passado. Conforme o prólogo:

Conocí algunos de estos milagros en Galicia, otros en Francia, otros en Alemania, otros en Italia, otros en Hungría, otros en la dacia, algunos también más allá de los tres mares, diversamente escritos, con es natural, en los diversos lugares; otros los aprendí en tierras bárbaras, donde es santo Apóstol tuvo a bien obrarlos, al contármelo quienes los vieron e oyeron algunos los he visto con mis propios ojos...<sup>12</sup>

Segundo o papa Calixto II foi necessário fazer tal seleção em razão da grande quantidade de relatos de milagres que chegaram até ele provenientes de muitos lugares. Em virtude dessa abundancia de relatos referentes a milagres realizados por Santiago, Calixto II nos informa que selecionou os relatos de milagres que considerava verdadeiros. De alguns, ele mesmo tinha argumentos que atestavam a veracidade, outros a veracidade era comprovada em função daqueles que tinham feito o registro serem homens considerados como portadores da verdade. Seguindo essa perspectiva, com relatos narrados por ele mesmo e por

outros grandes nomes da Igreja que atestaram a veracidade dos milagres que haviam registrado, o papa elaborou a obra que ficaria conhecida como *Livro dos Milagres de Santiago*.<sup>13</sup> Ao todo, a obra traz vinte e dois milagres selecionados entre tantos que o papa teve notícias. Dos vinte e dois milagres, dezoito teriam sido recolhidos pelo Papa Calixto II (1119-1124), dois por Santo Anselmo de Canterbury (1033-1109), um por Humberto, cônego da Igreja de Santa Maria Madalena de Bezançon e um por Beda (677-735). O elemento comum nos milagres selecionados é a intervenção direta de Santiago. Em 16 deles, o santo aparece e se comunica com os fiéis.

Como exemplo, apresentaremos dois milagres. Um faz referência direta a proteção de Santiago aos ibéricos e outro àqueles devotos do apóstolo, cujas origens se encontrava em outras terras. No primeiro milagre selecionado, o de número I, o papa Calixto II, aparece como o responsável pelo registro do relato do milagre. Enfatiza que irá expô-lo com o intuito de ensinar “*Por esto vamos a exponer, para enseñanza de los venideros...*”.<sup>14</sup> Dessa maneira, o papa expressa que sua meta é promover o conhecimento a respeito do papel e do poder desempenhado por Santiago. O relato tem por função ser um testemunho confiável que comprova as ações de Santiago a favor de seus fiéis seguidores. Nessa perspectiva, ao apresentar o poder de intervenção do santo, acrescenta informações de maneira a fazer com que os peregrinos se insiram no ambiente de valores religiosos cujo santo, mediante os seus atos, é fiel defensor e propagador.

Conforme o primeiro milagre, no decorrer do reinado de Alfonso VI (1065-1109), após a perda de Zaragoza para os almorávidas, vinte homens cristãos foram aprisionados pelos muçulmanos.<sup>15</sup> Na prisão, conduzidos pela divina inspiração de Santiago, os cristãos imploraram ao apóstolo que os libertasse. Escutando e atendendo o pedido dos prisioneiros, Santiago apareceu de forma radiante na prisão escura onde estavam encarcerados. A partir desse momento os prisioneiros passaram a contar com o auxílio do apóstolo que, embora com os seus traços humanos, deixava evidente aos prisioneiros a sua condição de enviado de Deus. O comportamento dos prisioneiros no momento da aparição indica essa situação: *“Y obligados por la claridad de tan inaudita grandeza, alzaron sus rostros, que por la fuerza del dolor tenían fijos en las rodillas, y cayeron postrados a sus pies”*.

Por meio da narrativa desse milagre, procura-se deixar claro que o apóstolo protegia os cristãos que o invocam. Os cristãos vivenciavam um período difícil frente os avanços dos almorávidas mas, por meio do relato do milagre tinha-se uma forma de incentivá-los e fortalecê-los na luta contra os muçulmanos pois, contavam com a atuação de um fiel servo de Deus que os protegia. Conforme a sequência do relato, Santiago os livrou das correntes que os prendiam e retirou-os da prisão e foi com eles até a porta da cidade que, mediante o sinal da cruz se abriu e deixou com que o santo e os homens recém libertos passassem. Uma vez libertos, Santiago os guiou até próximo a um castelo cristão, onde mandou que o invocassem. Dada essa ordem, subiu visivelmente aos

céus e, ao invocá-lo as portas do castelo se abriram e foram bem recebidos.<sup>16</sup>

O milagre apresentado constituiu-se em um testemunho do poder de Santiago a ser seguido pelos cristãos ibéricos frente à ameaça islâmica. Santiago aparece como o protetor divino que acompanha e guarda aqueles que o invocam nos momentos difíceis contra o infiel, aqui representado pelos almorávidas. O contexto em que o milagre ocorreu é expressivo, pois, se trata da perda de Zaragoza para os infiéis, um período de abalo nas forças cristãs. Mas, o milagre oferece o testemunho de que, frente ao inimigo, os cristãos não estão sozinhos, pois, contam com o apoio de Santiago. Apoio que também estará presente nas batalhas, onde, segundo o imaginário expresso nas narrativas, Santiago passará a intervir a favor dos cristãos frente aos muçulmanos. Na condição de guerreiro, as ações do santo, cujos relatos estão contidos nas crônicas elaboradas após o ano mil, serão manifestadas no campo terreno. Santiago será o guerreiro que, montado em um cavalo branco e portando a espada, lutará e vencerá os inimigos dos cristãos. Conforme os relatos, foi por meio de ações de bravura atribuídas a ele que os ânimos dos guerreiros cristãos foram incentivados e fortalecidos nos enfrentamentos que tiveram com os muçulmanos. Como exemplos, tem-se o combate ocorrido entre as forças do rei Ramiro I de Leão com os muçulmanos no qual, segundo a tradição, ocorreu a primeira aparição de Santiago caracterizado como um guerreiro; e a aparição de Santiago no decorrer da conquista de Coimbra por Fernando I, o Magno.<sup>17</sup>

Se o relato do milagre que apresentamos foi um testemunho da proteção exercida por Santiago aos cristãos ibéricos frente aos muçulmanos, outros relatos de milagres presentes no *Livro dos Milagres* oferecem testemunhos do poder de proteção e de intervenção que o apóstolo ofereceu àqueles que, independente da origem e do local em que estivessem (França, Itália, Alemanha, Espanha, Grécia), o tiveram como protetor frente a males diversos. Santiago, embora constantemente lembrado como o evangelizador da Hispânia, é apresentado no *Livro dos Milagres* como um santo que protege os cristãos, independente da origem e da localidade onde estivessem. Dessa maneira, Santiago é apresentado para toda a Cristandade e não de uma cristandade particular, ibérica. Para a Cristandade que tem Roma como centro, atendendo assim os ideais reformistas propagados pela Igreja naquele período. Nessa direção se faz ilustrativo o milagre, de número XVII. Nele o poder do apóstolo é apresentado frente ao do demônio. O registro do referido milagre é atribuído a Santo Anselmo (1033-1109), arcebispo de Canterbury.

Segundo o arcebispo, perto de Lyon vivia um rapaz com a mãe já anciã. Fiel devoto de Santiago, ele ia todos os anos em peregrinação a Compostela para oferecer suas oferendas. Era casto, no entanto, com o tempo deixou-se levar pelos prazeres da carne e teve relações sexuais com uma jovem, justamente na noite que antecedeu o início de uma de suas peregrinações. De momento, não considerou o ato sexual feito a noite como algo anormal, pecaminoso. Sem que sentisse qualquer empecilho ou culpa, ao amanhecer, conforme havia planejado, partiu com alguns companheiros em direção a Compostela. Após alguns dias de

caminhada o demônio descontente com a paz existente no grupo de peregrinos passou a intervir. Tomou a forma de homem e se apresentou ao rapaz como sendo Santiago. Com essa caracterização chamou a sua atenção dizendo:

...Has de saber que estaba muy contento contigo, por que esperaba ciertamente muy bien de ti. Mas hace poco, antes de salir de tu casa fornicaste con mujer y desde entonces no te has arrepentido de ello ni o has querido confesarlo. Y así te pusiste en camino con tu pecado como si tu peregrinación fuese grata a Dios y a mí. No es eso lo que debe ser. Pues todo el que por mi amor quiere peregrinar debe manifestar antes sus pecados en una humilde confesión y hacer luego penitencias de ellos peregrinando y de quien obre de otro modo la peregrinación será mal vista.<sup>18</sup>

Antes de continuarmos, chamamos a atenção de que a lembrança do ato sexual como pecado foi apresentada pelo demônio. Será esse alerta que passará a incomodar o rapaz.

Voltando ao relato do milagre, o arcebispo nos informa que o jovem passou a ficar incomodado e a sentir o peso da falta cometida. Diante dessa situação planejou voltar para casa e ir até o padre da localidade para confessar a falta cometida. Percebendo os planos do rapaz, novamente o demônio voltou a lançar vários questionamentos, aumentando o peso da culpa e a preocupação dele em conseguir se redimir da falta cometida. Eis os questionamentos apresentados pelo demônio ao rapaz: *“¿Que es que piensas en tus adentros, volver a tu casa y hacer penitencia para tornar después a mí dignamente?¿Crees que un pecado tan grande*

*puede borrarse con tus ayunos e tus lagrimas? Estás muy errado, cree en mis consejos y te salvarás. Pues de otro modo no podrás salvarte*".<sup>19</sup>

A intensidade da noção de pecado atribuída ao ato sexual foi tamanha que fez com que o rapaz, aconselhado pelo falso Santiago, aceitasse a solução por ele apresentada: "*si deseas limpiarte totalmente de tu culpa, córtate en seguida las partes viriles con las que pecastes*".<sup>20</sup> Tal solução foi entendida pelo rapaz como suicídio, prática também condenada pela Igreja, para a qual, somente Deus tem o poder de decidir quando e como alguém deve morrer. Ciente disso, o rapaz interrogou aquele que se passava por Santiago, porém foi convencido por esse a por em prática a solução antes mencionada. Assim ele agiu, crente de que quem o aconselhou foi verdadeiramente Santiago. Conforme a narrativa: "*sencillo peregrino se animó a llevar a cabo la fechoria y por la noche cuando dormía sus compañeros sacó un cuchillo y se amputó las partes viriles. Y vuelta luego la mano alzó el hierro y echandose contra su punta se traspasó el vientre*".

Na continuação da narrativa do milagre são apresentadas as consequências da morte do rapaz em dois campos: um terreno e outro no além. No terreno é destacado o choque dos companheiros que acordam com o barulho dos gemidos do rapaz. Com o receio de serem acusados de terem sido eles os responsáveis pelos ferimentos apresentados pelo rapaz, fugiram deixando-o sozinho envolto em sangue. Com o amanhecer, o corpo foi encontrado e levado para uma igreja. Enquanto o corpo repousava na Igreja, prepararam a cova para sepultá-lo. Porém, o sepultamento não aconteceu, pois o morto

ressuscitou e, ciente que havia sido enganado pelo demônio que havia tomado a forma de Santiago, conta o que presenciou enquanto estava morto. Por meio desse artifício o autor da narrativa do milagre relatou a experiência vivida pelo peregrino no além. Conforme o relato: “*Después que me quité la vida y mi alma fue expulsada del cuerpo, vino a mi el mismo maligno espíritu que me había engañado trayendo consigo en gran tropel de demonios. Y al instante me arrebataron sin compasión y llorando y dando lastimeras voces me llevaron a los tormentos*”.<sup>21</sup>

No entanto, o verdadeiro Santiago apareceu para intervir nesse processo. A narrativa foi enriquecida com um diálogo entre o bem, representado pelo santo, e o mal, representado pelos demônios. Quem relatou tal diálogo foi o peregrino que assistiu à conversa. Segundo ele, Santiago, voando, seguiu os demônios que carregavam a sua alma. Quando Santiago se aproximou disse aos demônios:

¿De dónde venís y adonde vais? Y contestaron ellos: Eh, Santiago, a la verdad aqui nada toca. Pues nos ha creído tanto que se mató a sí mismo. Nosotros le persuadimos, nosotros le engañamos, a nosotros nos pertenece. Mas él replicó: Nada respondes de lo que os pregunto, sino que jactáis y alegráis de haber engañado a un Cristiano. Pero tendéis mala recompensa, porque es un peregrino mío ese de cuya posesión os jactáis. A lo menos no le llevaréis impunemente.<sup>22</sup>

Conforme a narrativa, o poder de Santiago é tamanho que faz com que os demônios que carregavam a alma do rapaz o acompanhassem até Roma, justamente a um determinado lugar onde



estava havendo uma assembleia de santos presidida pela Virgem Maria. Uma vez diante dela, nos conta o peregrino:

Ante ella se presentó en seguida el santo Apóstol, mi piadosísimo abogado, y delante de todos clamó de que manera me había vencido la falacia de Satán. Y ella volviéndose al punto a los demonios dijo: Ah desgraciados, que buscabais en un peregrino de mi Señor e Hijo y de Santiago su leal? Y podría bastaros con vuestra pena sin necesidad de aumentar-la por vuestra maldad .<sup>23</sup>

A ação da Virgem Maria fez com que os demônios fossem dominados por um grande temor. Também por ordem dela a alma do rapaz retornou ao corpo. Conforme o peregrino: *“tomando-me, pues, Santiago me restituyó inmediatamente a este lugar. De esta manera he muerto y he resucitado”*.

A narrativa não termina nesse ponto, continua com o rapaz ressuscitado dando provas do sofrimento passado e testemunhos que demonstravam a surpresa daqueles que o tinham como morto vendo-o com vida. O desfecho ocorre com a afirmação que enfatiza a autenticidade do milagre relatado. Segundo o relator, o abade Hugo de Cluny viu tanto o rapaz como as marcas que testemunhavam o ocorrido. Segundo ele: *“El reverendísimo Hugo, santo abad de Cluny, vió con otros muchos a este hombre y todos los signos de su muerte, y afirmo haberlo visto con frecuencia para admiración, según se ha contado”*.<sup>24</sup>

O milagre apresentado é o mais extenso dos 22 que compõem o *Livro dos Milagres*. A temática do pecado em função dos desejos da carne – sexo - se faz presente nele. No entanto, é importante enfatizar que

esse não é o problema que faz com que Santiago intervenha. O ato sexual vivido pelo rapaz em nenhum momento é apresentado por Santiago ou mesmo pela Virgem Maria como pecado, aliás, esse tema não é mencionado. A ênfase é dada ao papel desempenhado pelas forças do mal, pois, são elas que geram os problemas, uma vez que, por meio de suas artimanhas conseguem enganar e persuadir os cristãos a cometerem faltas contra a religião— conforme o milagre apresentado, o pecado cometido somente aparece como sendo uma falta contra os valores cristãos, lembrada pelo demônio. Portanto, com base nesse relato específico, o jovem que propicia Santiago desempenhar o seu papel de protetor é inocente. Percebe-se que o relator do milagre tem interesse em apresentar elementos que expressam os valores cristãos e a perspectiva de centralização do poder da Igreja em Roma que estava em curso naquele período. Roma é apresentada como o centro da cristandade. É nessa cidade que ocorre a *assembleia de santos presidida pela Virgem Maria*.

É importante destacarmos que, além da função implícita de divulgação das peregrinações a Santiago de Compostela, o *Liber Sancti Iacobi* tem também por propósito ser um instrumento das normas implícitas na *Reforma Gregoriana*, em específico na Península Ibérica. Em função da implantação da reforma, o rito local – moçárabe- estava em processo de substituição, propiciando com isso o estreitamento da Igreja local com Roma. É importante destacarmos também que, conforme o milagre apresentado é para Roma que Santiago faz com que os demônios levem a alma do rapaz e não para Santiago de Compostela, apontando

com isso que Roma era o centro da cristandade, que de lá saem as decisões.

Considerando-se que o *Liber Sancti Iacobi* como um todo e, de maneira especial, os milagres lidos em locais públicos com o intuito de incentivar e propagar as peregrinações com destino a Santiago de Compostela, o milagre apresentado tem em si também uma forma de demonstrar aos populares que o apóstolo, apesar de todo o seu poder, não é independente. As decisões estão em Roma. No caso específico do milagre, na assembleia dos santos presidida pela Virgem Maria. O que se passa, segundo o imaginário dos autores, no plano do além corresponde ao que está acontecendo no plano terrestre. Ou melhor, projeta-se as alterações que estão ocorrendo no plano terrestre para o celeste.

Além dessa questão, os relatos apresentados nos oferecem, entre tantos outros, exemplos do estabelecimento de relações que foram constituídas a partir do vínculo entre homens da Igreja, homens do povo e santos. Parece-nos estranho falarmos de “relações sociais” com santos, embora sendo definidos como homens, mulheres que em vida foram fiéis servos de Deus, dando a vida pela causa cristã, geralmente os entendemos como seres que pertencem a um campo distinto do qual estamos separados e, portanto, não há comunicação mas sim, solicitações que o homem faz ao sagrado procurando, por meio de tais pedidos, alcançar as graças desejadas.

Tal distanciamento não é o que se verifica nas crônicas nos *exemplums* e, de maneira especial, no *Livro dos Milagres de Santiago* cujos testemunhos que nos auxiliam a compreender a prática da peregrinação

no Ocidente medieval. Percebemos especialmente no *Livro dos Milagres* que os autores, ao atribuírem ao santo algumas características de quem está vivo – acompanha, ouve, fala – promovem a aproximação entre o mundo terrestre e o celeste, fazendo com que as ações dos personagens citados nas narrativas colaborassem na ampliação da crença em Santiago por parte daqueles que tomavam conhecimento dos feitos do apóstolo, encontrando neles exemplos a serem seguidos. Assim, as ações atribuídas ao santo vão tornando-o centro das atenções, atraindo a Compostela mais e mais peregrinos que para lá se dirigiam, em busca da solução de algo que os afligia.

Nessa busca, os peregrinos entram em contato com aquilo que o cristianismo apresenta como sagrado e, também, com o profano, pois, as ameaças das forças do mal, normalmente, se manifestam ao longo do caminho para desvirtuá-lo do propósito religioso que o impulsionou a fazer a longa jornada. No entanto, como a narrativa tem o propósito de divulgar o culto a Santiago, o personagem do milagre, que recebe a graça concedida pelo santo, divulga o auxílio divino, fazendo com que a dádiva recebida seja transformada em um exemplo do poder de intervenção do santo em cujos atos são expressos os valores cristãos; princípios e exemplos que chegam, conforme os relatos, nas mais diversas partes do Ocidente. Por outra direção, temos que considerar que essas narrativas integram uma obra, cuja função também é ser uma guia para o peregrino. Seguindo esse propósito a leitura e divulgação de tais milagres, entre aqueles que estavam no caminho ou daqueles que desejavam fazer o caminho, funcionava, por um lado, como motivação e inspiração para se

colocarem em marcha, por outro, era também uma forma de propagar entre a população normativas e crenças de um cristianismo unificado que tinha em Roma o seu centro.

Se, por um lado, os milagres foram relatados também com a finalidade de divulgar o culto a Santiago e, conseqüentemente, atrair peregrinos a Compostela, por outro, notamos que outro aspecto também precisa ser destacado: o efeito gerado pelos milagres, isto é, as conseqüências da divulgação deles, pois, os autores dos relatos não só se satisfazem em apresentar a intervenção do santo, mas sim procuram expressar o comportamento daquele que viveu tal situação. Geralmente, conforme apresentado nos milagres, o personagem que alcançou a graça concedida por Deus, por meio da intervenção de Santiago, ao retornar para o local de origem, divulga a sua experiência e como conseqüência motiva e desperta em vários conterrâneos o desejo de fazer a peregrinação a Compostela.

Essa perspectiva é apresentada nas narrativas contidas no *Livro dos Milagres*, cumprindo, portanto, a função pela qual também foram registradas no livro dos milagres e em outras crônicas e histórias, cujo propósito maior não é relatar milagres, mas sim os feitos de determinados "personagens" do reino. Verifica-se que, quando direta ou indiretamente apresentam algo relacionado às peregrinações e, de alguma maneira, mencionam o retorno do peregrino, da mesma forma oferecem indícios de que tal retorno, além de ser um testemunho do cumprimento de um ato religioso, também é um meio pelo qual novidades conhecidas ao longo do caminho chegavam às terras de origem do peregrino,

tornando o *caminho* e a cidade de Santiago espaços que, além de serem expressões do religioso, também eram espaços de difusão e intercâmbios de saberes e de bens materiais.

### **O *Caminho de Santiago*: Possibilidades geradas**

O *Caminho*, além de ser uma rota da fé e espaço por onde os propagadores da fé agiam, foi uma rota da vida ativa na qual os negócios, as espertezas e os prazeres da carne também faziam parte e serviam de motivação para a atração de peregrinos, aventureiros e de povoadores. Os primeiros viam na realização da caminhada, geralmente longa, a oportunidade para alcançar a intervenção do santo, mediante as dificuldades impostas pelo caminho e pelas penitências realizadas; para os segundos, a oportunidade de dar vazão ao desejo de aventura. Para os terceiros, o constante fluxo de peregrinos ao longo do *caminho* era um indicativo de esperança e de real possibilidade de encontrarem um melhor local para, por meio do comércio, encontrarem uma forma de conseguirem o sustento para a vida. Sobre essa temática, tendo como referência o século XI, José Maria Lacarra escreveu: “*Ao longo do Caminho de Santiago se estabeleceu normalmente um comércio ativo. Havia que dispor albergues, acumular víveres para os peregrinos que as vezes eram verdadeiras multidões; abrir estabelecimentos onde podiam trocar moedas ou adquirir as roupas ou utensílios necessários para realizar a viagem*”.<sup>25</sup>

Com o intuito de proteger, incentivar e possibilitar ao peregrino certa segurança, bispos, nobres e a própria realeza fizeram com que

fossem construídas ao longo do caminho hospedarias para atender os peregrinos dando-lhes locais de apoio. A fundação da abadia real de Santa Maria em 1052, pelo rei Garcia e pela rainha Estefania de Pamplona, é um exemplo. Conforme ordem dos monarcas referidos, a abadia tinha entre suas funções o dever de acolher os peregrinos. A mesma abadia, conforme consta no *Catálogo del archivo catedral* de Pamplona, recebeu como doação de um padre os bens que possuía com a condição que fossem oferecidos aos pobres.<sup>26</sup>

No aspecto da segurança, a proteção ao peregrino era semelhante com a oferecida ao mercador. Por exemplo, ao tratar dos bons feitos do rei Alfonso VI, é mencionado na *Primera Crónica General de España* que, em função das leis vigentes no reinado dele, “*los mercaderos et los romeros que passauan por su tierra, tan guardados yuan que ninguno non les osaua tomar ninguna cosa de lo suyo*”.<sup>27</sup> No Canon IV do Concílio de Leon de 1114 é expresso que ninguém pode tomar os pertences e bens dos peregrinos (*Negotiatores et peregrini et laboratores in pace sint, et secure per terras eant ut Nemo in eos, vel eorum res manus mittat*).<sup>28</sup> Mantendo a tradição, Alfonso X, o Sábio (1252 – 1284) fez constar no *Fuero Real* elaborado sob a sua ordem a seguinte lei:

Por que romeros que los fechos de Dios e de Sancta Eglefia por nos sean más adelantados, mandamos que todos los romeros e mayormietre los que uinieren en romería a Sanctiague quienquier que sean e dondequier que uengan, ayan de nos esto priuillegio: que todos nuestros regnos ellos e sus companas con sus cosas seguramente uayan e uengan e finquen, ca razón es que aquellos que bien

fazen que sea[n] por nos defendidos e emparados en las buenas obras e que por ningún miedo que ayan de recibir tuerto non dexen de uenir de cumplir su romería. Onde defendemos que ninguno non les faga fuerça nin tuerto nin mal ninguno, mas si[n] nengún empeçamiento aberguen seguramientre quando quisieren e o quisieren e tanto que sean logares de albergar. Otrosí mandamos que tan bien en las albergarías como fueras delas, puedan comprar las cosas que ouieren menester e ninguno non sea osado de les mudar las medidas nin los pesos derechos por que los otros de las tierras uenden e compren, e el qui lo fiziere aya la pena que manda la ley. <sup>29</sup>

A proteção pela lei dada aos peregrinos deve-se, entre outras coisas, ao fato deles serem vítimas de inúmeros abusos por parte daqueles que, ao longo do Caminho e na própria cidade de Santiago de Compostela, aproveitavam-se da condição de estrangeiros dos peregrinos para roubarem os pertences que traziam ou, então, de os explorarem cobrando altos preços nas hospedarias e, até mesmo, provocando a morte de peregrinos para se apossarem dos bens que possuíam. O milagre de número 5 do Livro dos Milagres é ilustrativo a esse respeito. Conforme a narrativa atribuída ao papa Calixto II:

Es cosa digna de recuerdo que ciertos alemanes yendo en habito de peregrinación al sepulcro de Santiago el año mil noventa de la encarnación del Señor, llegaron a la ciudad de Tolosa con abundantes riquezas y allí encontraron hospedaje en casa de cierto rico. Este malvado, simulando bajo piel de oveja la mansedumbre de ésta, los acogió solícitamente y con diversas bebidas que les dio como gracias de su hospitalidad, los hizo embriagar-



se con engaño. (...) dominados por fin los peregrinos más que de costumbre por el sueño y la embriaguez, el falso huésped, movido del espíritu de avaricia a fin de hacerlos reos de hurto y adquirir sus dineros una y convictos, metió a escondidas una copa de lata en un zurrón de los durmientes. Y después de cantar el gallo salió tras ellos con gente armada el perverso huésped gritando: Devolvedme, devolvedme la plata que me habéis robado. A lo que respondieron ellos: A quien se la encuentres le condenarás según tu voluntad. Hecha, pues, averiguación, a dos en cuyos zurrón halló la copa, a saber, padre e hijo, los llevó a juicio y arrebató injustamente sus bienes.<sup>30</sup>

O peregrino, em virtude da obrigatória travessia que fazia por territórios de diferentes reinos até chegar a Santiago de Compostela, era geralmente um estrangeiro. Portanto, não contava com a proteção da legislação do seu local de origem.

Ao incentivar as peregrinações, principalmente a partir do século XI, os reis dos reinos por onde o caminho passava fizeram constar nas legislações leis que protegiam os peregrinos. Tais leis faziam com que a caracterização de peregrino – isto é, homens, mulheres e crianças, sujos, vestindo trajes rudes e, em sua maioria, com pouquíssimos pertences tinham a liberdade de ir e de vir sem serem incomodados pelas leis vigentes nos territórios em que passavam.

Com isso a condição de peregrino funcionava como um salvo conduto. Conforme Histórias e Crônicas elaboradas no período, tal condição atribuída ao peregrino era útil tanto para aquele cuja caminhada era feita por motivos gerados pela crença religiosa como por aqueles que

viam nessa condição a forma de passar por locais em que, em condições normais, seria feito prisioneiro.

O disfarce de peregrino possibilitava o ir e o vir e dessa maneira era uma forma de, tanto artefatos como de informações secretas, transitarem pelo Ocidente. Como exemplo citamos a narrativa presente na *História Compostelana* segundo a qual o bispo de Santiago de Compostela Diego Gelmirez (1100-1136) [defensor do processo de implantação do rito romano em detrimento do moçárabe em terras ibéricas em especial em Santiago de Compostela], com o intuito de conseguir a honraria do arcebispado para a Igreja de Santiago, planejou ir até Clermont, onde iria ser realizado um concílio com a presença do Papa Gelásio II (1118-1119). Seria a oportunidade de estar diretamente com o Pontífice e com ele tratar do assunto desejado. Porém, o problema era fazer a travessia pelo território do reino de Aragão, uma vez que o rei não permitia. Uma primeira estratégia foi enviar o cardeal romano Deusdedit, que estava com Gelmirez. O cardeal, devido a sua posição, acreditava que passaria sem problemas. No entanto, isso não foi possível conforme relatado por Giraldo, um dos autores da *História Compostelana*. Conforme Giraldo:

Pues los espías del Rey de Aragón, según me refirió después el propio cardenal, atacaron sus bagajes y sus fardos diciendo: “Sabemos que el obispo de Santiago quiere atravesar los Pirineos y que va a llevar una infinita cantidad de dinero y que otra parte ya se la ha encomendado a este cardenal para que la lleve. Así pues, entregadnos todo el dinero del obispo de Santiago que llevéis con vosotros ¡pues así

lo ha ordenado nuestro Rey – para que no perdáis también el vuestro”.<sup>31</sup>

Diante do fracasso dessa tentativa, em outra ocasião Diego Gelmirez envia Giraldo, cônego da Igreja de Santiago para falar com o Papa que está além Pirineus. Para tanto, Giraldo faz uso do seguinte estratagema: envia Bernardo, sacristão da Igreja de Carrión, para que fizesse a travessia de “*una arca de oro de nueve marcos, cien morabetinos, doscientos once sueldos de Poitiers, sesenta sueldos de moneda milanese, veinte sueldos de la de Tolosa, etcétera*”.<sup>32</sup> O dinheiro foi entregue ao sobrinho do Papa Calixto II, sucessor de Gelásio II, que ao regressar de sua peregrinação a Santiago de Compostela estava passando pelo caminho entre Sahagún a Palencia. Feito isso, Giraldo faz a travessia. Segundo ele: “*emprendí el viaje por caminos apartados, camuflado con ropas de pobre y acompañado de dos peregrinos, cómplices del trabajo y del proyecto*”.<sup>33</sup> Em outro relato da *História Compostelana*, o disfarce de peregrino é utilizado pelo bispo do Porto para conseguir passar por territórios ibéricos até chegar no além Pirineus para ter uma audiência com o Papa Calixto II.

O incentivo dado pelos monarcas ibéricos ao criarem legislações e hospedarias ao longo do caminho, visando proteger os peregrinos no seu trajeto até Santiago de Compostela, também foi expressão do colaboracionismo deles no processo de recepção e de propagação das normativas, que em seu movimento reformista a Igreja buscava colocar em prática no Ocidente. Para os reinos ibéricos cortados pelo Caminho de Santiago o movimento reformista possibilitou a integração deles a Cristandade. O culto a Santiago propagava-se pelo Ocidente cristão

atraindo peregrinos, povoadores e guerreiros que passavam a colaborar com as monarquias cristãs nas constantes batalhas contra muçulmanos, que cada vez iam sendo apresentados e divulgados como os inimigos da verdadeira fé.

Recebido em 24/05/2016

Aprovado em 12/06/2017

## Notas

---

\* Doutor em História pela UNESP, Campus de Assis; Professor de História Medieval na Universidade Federal de Alenas, UNIFAL-MG. Email: [adailsonrui@gmail.com](mailto:adailsonrui@gmail.com)

<sup>1</sup> MONTENEGRO, J. El Cambio de rito em los reinos de Leon y Castilla según las crónicas: la memoria, la distorsión y El olvido. In: MARTÍNEZ SOPENA, P.; RODRIGUEZ, A. (Eds.) **La Construcción de la Memoria Regia**. Valencia: Universitat de València, 2011. p. 72

<sup>2</sup> **Primera Crónica General de España**. Que mando componer Alfonsno X, el Sabio y que se continuaba bajo Sancho IV em 1289. MENENDEZ PIDAL, R. (Ed.) Madrid: Gredos, 1955. p. 542.

<sup>3</sup> A Crônica do Pseudo Turpin é um dos cinco livros que integram o *Liber Sancti Iacobi*, obra elaborada no século XII com o intuito de ser um instrumento de propagação do culto a Santiago, cujas relíquias encontravam-se em Santiago de Compostela. Especificamente sobre a abertura do *Caminho de Santiago*, o capítulo primeiro da *Crônica do Pseudo Turpin* é apresentado uma aparição de Santiago a Carlos Magno. Nela o apóstolo diz o seguinte para Carlos Magno: “*El camino de estrellas que viste en el cielo significa que desde estas tierras hasta Galicia has de ir con un gran ejército a combatir a las pérfidas gentes paganas, ya liberar mi camino y mi tierra, ya visitar mi basílica y sarcófago. Y después, de ti irán allí peregrinando todos los pueblos, de mar a mar, pidiendo el perdón de sus pecados y pregonando las alabanzas del Señor, sus virtudes y las maravillas que obró*” In: **Liber Sancti Iacobi**, Codex Calixtinus. Trad. A. MORALEJO. C. TORRES. J. FEO. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1999 p. 408./ A recolhe Outra versão para a abertura do *Caminho de Santiago* foi recolhida na *Primera Crónica General de España*, obra elaborada no século XIII que conservava narrativas anteriores. Nela, ao tratar das conquistas que Carlos Magno teria feito em território Ibérico é

---

afirmado o seguinte: “*Ca certa cosa es que si quier de morros , si quier de cristianos Carlos con su hueste fue uençido en Ronçasvalles, et luego se torno dende con grant danno et grant perdida de su hueste. Pues non es con guisa que el abriese el camino de Santiago quando non passo el puente de Ronçasualles; ca luengo tempo despues del, por muchas lides et muchas fazendas et por grant trabaio, fue aberto et pobladoel camino de Santiago; et los que dantes yuan por sendas encobierta, pasaron despues por carera poblada por o uienen et pasan fiasco todas las tierras del mundo o cristianos a.* In: **Primera Crónica General de España**. MENÉNDEZ PIDAL, R. (Publ.) Madrid: Gredos , 1955. p. 356.

<sup>4</sup> LIBER SANCTI IACOBI. CODEX CALIXTINUS. Traducción de A. MORALEJO. C. TORRES. J. FEO. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1999. pp. 393-395.

<sup>5</sup> Sobre o Tumbo A da Catedral de Santiago de Compostela veja o estudo de: LUCAS ALVAREZ, M. (ed. Lit.) **Tumbo A de la Catedral de Santiago**. Santiago: Seminario de Estudios Galegos. Cabildo de la S.a.M.I. Catedral, 1998.

<sup>6</sup> LOPES ALSINA, F. **La Ciudad de Santiago de Compostela en la alta Edad Media**. Santiago de Compostela: Ayuntamiento de Santiago de Compostela, Centro de Estudios Jacobeos e Museo Nacional de la Peregrinaciones. 1988. pp. 122-127.

<sup>7</sup> LOPES ALSINA, op. cit. p. 122.

<sup>8</sup> TUMBO B de la Catedral de Santiago. GONZÁLEZ BALASCH, M. T. (Ed.) Santiago de Compostela: Cabildo de la S.A.M.I. Catedral. Seminario de Estudios Galegos, 2004.

<sup>9</sup> HERBERS, K. **Der Jakobuskult des 12. Jahrhunderts und der “Liber sancti Jacobi”**. Studien über das verhältnis Zwischen Religion und Gesellschaft Im Hihren mittelalter. Wiesbaden: Steiner, 1984. p. 14.

<sup>10</sup> RUCQUOI, A. O Caminho de Santiago: A criação de um itinerário. **SIGNUM**. Revista da ABREM. São Paulo: ABREM, 2007. n° 09, p. 105.

<sup>11</sup> LIBER Sancti Jacobi, op. cit. 1999. O Liber Sancti Iacobi é constituído por cinco livros: o primeiro contém sermões, homilias em honra ao apóstolo Tiago e ofícios litúrgicos; o segundo é formado por vinte e dois milagres atribuídos a Santiago, conhecido como o Livro dos Milagres de Santiago; o terceiro trata da transladação do corpo de Santiago de Jerusalém, local onde sofreu o martírio, para Compostela, onde foi sepultado; o quarto livro é a Crônica do Pseudo Turpin que trata da ida e da presença de Carlos Magno na Espanha, apresentando-o como sendo o responsável pela abertura do Caminho de Santiago e o quinto constitui um verdadeiro guia de viagens para os peregrinos e viajantes. Nele está contida a descrição do caminho, da cidade de Santiago de Compostela e da Catedral onde está o sepulcro do Apóstolo. Para maior conhecimento sobre o *Liber Sancti Iacobi* veja: DIAZ Y DIAZ, M.C. **El Códice**

---

**Calixtino de la Catedral de Santiago. Estudio codicológico y de contenido.** 1ª ed. Santiago de compostela: Centro de Estudios Jacobeos, 1988.

<sup>12</sup> LIBER Sancti Jacobi, op. cit. 1999. p. 336.

<sup>13</sup> Conforme apresentado no prólogo do Livros dos Milagres: “si escribiese todos los milagros que él oí en muchos lugares de boca de muchos, más les faltaria a mis manos y a mi afán pergaminho que exemplos suyos.” Como critério para seleccionar os milagres que seriam registrados, o papa esclarece: “Mas nadie piense que he escrito todos los milagros y exemplos que he oído de él, sino los que he considerado verdadeiros por veracíssimas afirmaciones de hombres veracíssimos.” (p.336).

<sup>14</sup> LIBER Sancti Jacobi, op. cit. 1999. p. 338.

<sup>15</sup> Zaragoza foi um reino de taifa que paga párias ao reino de Leão e Castela desde 1058 quando reinava Fernando I (1016-1065) pai de Alfonso VI. No final do reinado de Alfonso VI a Taifa de Zaragoza passou a sofrer uma forte pressão dos Almorávidas, sendo conquistada por eles em 1110. Um ano após a morte de Alfonso VI. Sobre essa temática veja: VALDEON BARUQUE, J. **La reconquista:** El concepto de España: unidad y diversidad. Madrid: Espasa Calpe, p. 98/ CARRASCO MANCHADO, A. I.; MARTOS QUESADA, J.; SOUTO LASALA, J. A. **Al-Andalus.** Madrid: Istmo, 2009. p. 181/ AYALA MARTÍNEZ, C. Fernando I y la Sacralización de la Reconquista. In: **Anales de la Universidad de Alicante.** Historia Medieval, nº 17, 2011 p. 72.

<sup>16</sup> LIBER Sancti Jacobi, op. cit. 1999. p. 339. “*Y obligados por la claridade de tan inaudita grandeza, alzaron sus rostros, que por la fuerza del dolor tenían fijos en las rodillas, y cayeron postrados a sus pies. Mas Santiago, condolido en sus entrañas, les rompió las ligaduras derramando el bálsamo de su virtude. Trabando además la diestra de su poder con las manos de los cautivos y sacándolos milagrosamente de prisión tan peligrosa, llegaron con tal guia a las puertas dela ciudad. A su vez las puertas, hecha la señal de la cruz, ofrecieron salida en honor del Apóstol tan espontáneas, que así que hubieron ellos salido restablecieron el rigor de su anterior unión. El apostol Santiago, passado largo tiempo después de cantar el gallo y casi al assomar los rayos de la aurora, llegó con ellos, yendo él delante, a certo castillo que estaba bajo guardia de cristianos, donde mandándoles también que le invocasen, subió visiblemente a los cielos. Y al invocarlo su mandato con grandes vocês, se abrieron las puertas y fueron recibidos dentro*”.

<sup>17</sup> PRIMERA Crónica General de España, op. cit. 1955. pp. 359-361/ pp. 486-488.

<sup>18</sup> LIBER Sancti Jacobi, op. cit. 1999. p. 368.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> LIBER Sancti Jacobi, op. cit. 1999. p. 369.

<sup>21</sup> Idem.

---

<sup>22</sup> Como recurso de persuasão daquilo que narra o peregrino oferece inclusive uma descrição física de Santiago: “y me parecia Santiago jovem de aspecto gracioso, delgado y de color quebrado, vulgarmente dicho moreno.” LIBER Sancti Jacobi, op. cit. 1999. p. 370

<sup>23</sup> *ibid.*, p. 370.

<sup>24</sup> *ibid.*, p. 371.

<sup>25</sup> VASQUEZ DE PARGA, L., MARIA LACARRA, J. & URÍA RIU, J. **Las Peregrinaciones a Santiago de Compostela**, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1948, p.468. Após a publicação da obra referida, muitos foram os estudos e eventos específicos que tiveram como foco central temas relacionados a Santiago e/ou ao Caminho de Santiago. Como exemplo de eventos citamos a XX Semana de Estudios Medievales de Estella, realizada e 26 a 30 de julho de 1993 cujo tema central foi “*el camino de Santiago y la articulación del espacio hispánico*”, que resultou na publicação das atas contendo as apresentações de estudiosos sobre o tema. Outra publicação relevante é o estudo de Fermim Miranda Garcia intitulado *El caballo blanco de Santiago o la influencia de lo jacobeo en las transformaciones de los reinos hispánicos*. Para tanto veja: BANGO TORVISO, I. G. & MUÑOZ PÁRRAGA, M. C. Sancho el Mayor y sus herederos: el linaje que europeizó los reinos hispánicos. 2006. pp. 734-739.

<sup>26</sup> Veja relação de exemplos no artigo: RUQCUI, A. O Caminho de Santiago: a criação de um itinerário. **SIGNUM** – Revista da ABREM. São Paulo: ABREM, 2007. n° 09, pp. 105-107.

<sup>27</sup> PRIMERA Cronica General de España. MENENDEZ PIDAL, R. (Ed.) Madrid: Gredos, 1955. p. 520.

<sup>28</sup> LÓPEZ FERREIRO: **Historia Iglesia de Santiago**, III. Apend. p. 93. Apud VASQUEZ DE PARGA, L., MARIA LACARRA, J. & URÍA RIU, J. op. cit. 1948. p. 256.

<sup>29</sup> MARTINEZ DIEZ, G. **Leys de Alfonso X**; II Fuero Real. Avila: Fundación Sanchez Albornoz, 1988. p. 503.

<sup>30</sup> LIBER Sancti Jacobi, op. cit. 1999. p. 347.

<sup>31</sup> HISTORIA Compostelana. FALQUE REY, E (Ed. e Trad.) Madrid: Akal, 1994. p. 312

<sup>32</sup> HISTORIA Compostelana, op. cit.1994. p. 316.

<sup>33</sup> *Idem.*